Uma Arquitetura para a Roma Tropical

POR FABRÍCIO R. S. GODOI

O "Beijódromo", memorial no campus da UnB em Brasília idealizado por Darcy Ribeiro (1922-1997) e João Filgueiras Lima, o Lelé (1931-2014).

© FABRÍCIO R. S. GODOI

¶ COMEÇAMOS COM UMA TESE PARA DISCUSSÃO: a Arquitetura e Urbanismo deve se colocar a serviço da construção de uma Roma Tropical no Século XXI, como um campo do conhecimento e uma área da cultura que pode se mobilizar para ajudar na construção da civilização brasileira e latino-americana, a serviço de seu povo. Não pode, portanto, ser vista como um acessório criativo ou uma técnica que simplesmente introduz conforto ou luxo para as classes dominantes. Não deve ser um serviço para as elites e nem deve produzir a cidade unicamente para estas.

Usando as categorias de Darcy Ribeiro, a Arquitetura e Urbanismo deve ser uma causa profundamente comprometida com a construção do "povo novo" brasileiro e latino-americano e a superação da estratificação social. Deve ser parte da construção de uma consciência nacional que supere a ingenuidade e a submissão irrefletida à "cultura espúria". Consciência essa que permita romper o ciclo de atualizações históricas via "modernização reflexa" para produzir a nossa própria atualização histórica, que finalmente resulte na "civilização emergente" de modo independente. E há alguns elementos factuais ou concretos para isso.

A ideia da Roma Tropical foi criada por Darcy Ribeiro ao perceber que Roma, a sede de uma poderosa civilização, tinha suas raízes fincadas em outra geografia (a Grécia), além de espraiar suas formas culturais sem eliminar as pré-existências. A lusitanidade seria herdeira dessa civilização e assim, indiretamente, estaria a porção "ocidental" de nossa própria civilização emergente. A porção "tropical", por sua vez, estaria no necessário aprendizado do viver nos trópicos, na adequação do modo de vida à realidade geográfica. A fusão dessas porções resultaria em uma nova civilização, e não apenas na adaptação da primeira às nossas condições.

Para isso, é preciso retomar o comprometimento de nosso campo do conhecimento com a construção (ou a reforma) de um país. Resgatar o compromisso com temáticas prioritárias, agindo politicamente para sua consecução. Com ideias novas ou, eventualmente, retomando elementos de uma arquitetura que se tornou canônica ou corrente, daquele fenômeno (Liernur) ou planeta (Cohen) que respondeu bem às necessidades de um tempo restrito. Elementos ou aspectos que certamente estão impregnados na produção de muitos arquitetos ativos de hoje, mas que precisam ser sempre relembrados.

Uma arquitetura tropical e mestiça deve possuir, de um lado, a profunda vontade de *beleza*, e de outro, o permanente foco na necessidade de construir o país, ainda carente de inúmeras estruturas sociais. A vontade de beleza encontra certa resposta naquele modernismo brasileiro, que no campo da Arquitetura e Urbanismo atingiu um de seus pontos máximos, incorporando ao movimento arquitetônico predominante do período alguns aspectos nacionais – sejam inventados ou interpretados, como na junção da "oca com o disco voador", o Beijódromo de Brasília (pg. 68), de João Filgueiras Lima, o Lelé. A necessidade de construir o país encontrou resposta naquelas propostas desenvolvimentistas, tanto as progressistas (governo João Goulart) quanto as conservadoras (no período da ditadura militar). Resultaram em uma arquitetura nova para um *povo novo*. Que, repita-se, respondeu muito bem às necessidades daquele tempo.

Chega ao nosso tempo resquícios de ambos os aspectos, sendo influência muito importante para a Arquitetura brasileira atual. Enquanto isso, um modo atualizado de desenvolvimentismo segue sendo a política implantada no terceiro Governo Lula. Mas, paralelamente, aparecem propostas inovadoras, na arquitetura e na política, que lidam com essa experiência do passado recente de modo a tornar o quadro ainda mais complexo.

Na política, com alguma relevância em certos países (como a Bolívia e Equador), se reforça a ascensão de indivíduos de origem indígena – chegando até à cadeira de presidente, que defendem uma proposta de desenvolvimento mais sofisticada do ponto de vista ambiental, tendo em sua base conceitos de afastamento do consumismo desenfreado do modo de vida ocidental, em consonância com o conceito do *Buen Vivir*. Em 2023, o Brasil reacende essa discussão, com a criação de um Ministério de Povos Originários e a reativação de um ministério agora renomeado para Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima. Há esperanças de melhorias, mas ainda sem a perspectiva de rompimento com a ordem neoliberal.

Na Arquitetura, aquela raiz modernista se mantém, fundida com lutas revigoradas pelo direito à cidade, mesmo que ainda marginais ou apenas pontualmente conectadas com o mercado de construção como um todo, constituindo-se na vertente estatal da Arquitetura brasileira pós-Brasília ou na face "econômica" da vertente comercial. Exemplificam-se com as cada vez mais numerosas experiências de Assistência Técnica em Habitação de Interesse Social (ATHIS), inscritas até em leis, normas e políticas públicas. É essa raiz que também agrega continuamente tecnologias edilícias novas, principalmente de origem industrial e, portanto, também ligada às forças do capital. Simultaneamente, registra ou valoriza tecnologias de origem artesanal, como em arquiteturas com caráter regional. A base fundamental que permanece, no entanto, parece ser ainda o modernismo dos grandes mestres, que seguem sendo estudados com esmero nas principais universidades brasileiras (e latino-americanas). O modernismo daqueles mestres do período de auge da Arquitetura moderna brasileira, que visava à qualidade de vida e que consigo carregava intimamente a vontade de justiça social (o que, sabemos hoje, não está ao alcance da ação de nosso campo do conhecimento). O modernismo que defendia uma "Boa Vida", almejada nas proposições daqueles arquitetos, mas poucas vezes atingida – não por problemas internos às propostas da Arquitetura e Urbanismo, mas por sua condição acessória ao sistema capitalista.

Urge realçar nossa identidade brasileira, que deve ser sempre latino-americana, continuando a estudar a experiência dos arquitetos modernos, mas trazidos a luz das ideias que estão sendo resgatadas ou iluminadas em nosso tempo, ancestrais, como o *Buen Vivir*. Ou, em outras palavras, aproximar o *Buen Vivir*, como resumo dos aprendizados da vida no continente americano e a "Boa Vida", como resumo das vantagens trazidas pela modernidade, para um dia vivermos na Roma Tropical. ×

FABRÍCIO R. S. GODOI É ARQUITETO BRASILEIRO. MESTRE E DOUTORANDO PELO IAU/USP, ONDE DESENVOLVE PESQUISA SOBRE A RELAÇÃO ENTRE DARCY RIBEIRO E A ARQUITETURA E URBANISMO. HÁ QUASE VINTE ANOS TRABALHA COM PLANEJAMENTO FÍSICO UNIVERSITÁRIO.

REFERÊNCIAS

COHEN, J. L. *O Futuro da Arquitetura desde 1889: uma história mundial*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LIERNUR, J. "*The South American Way*". *El milagro brasileño, los Estados Unidos y la Segunda Guerra Mundial (1939-1943)*. In: *Block*, nº 4. Buenos Aires: Torcuato di Tella, dez. 1999.

RIBEIRO, Darcy. *Introducción*. In: *SEGRE, R. América Latina en su arquitectura*. México DF: Siglo XXI, 1975.

RIBEIRO, Darcy. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.